

ROSAS, Marta. 2002. *Tradução de humor: transcriando piadas*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 128 p.

TRADUÇÃO (D)E PIADAS

Tratando da comicidade das palavras, Bergson distingue (*O riso*, Rio, Zahar) “o cômico que a linguagem exprime e o que ela cria”. E acrescenta, como quem não quer nada: “O primeiro poderia a rigor traduzir-se de uma língua para outra... Mas o segundo é em geral intraduzível” (p. 57). Isso parecerá um tanto simplório hoje, que tudo depende da teoria de tradução adotada. Pode-se ver como e por que no livro de Marta Rosas, *Tradução de humor; transcriando piadas*.

O livro se divide em duas partes: tradução de humor na teoria (que inclui apresentações mais ou menos sumárias de teorias do humor e de tradução) e tradução do humor na prática (com quatro capítulos: vertentes na construção do humor; coincidências lingüísticas; a tradução funcional do humor e na periferia da tradução de humor).

A autora declara explicitamente sua adesão a teorias cujo princípio é que a finalidade da tradução é dominante (e não a fidelidade a um original, por exemplo). A garantia vem de Reiss e Werner, autores de uma *Skopostheorie* da tradução. Os princípios fundamentais são: o que se faz é secundário em relação ao objetivo da ação e sua consecução; é mais importante que um *translatum* (uma translação) alcance um dado objetivo do que o fato de realizar-se de um determinado modo; uma ação é determinada por sua finalidade; pode-se definir o escopo como uma variável dependente dos receptores. Como se vê, as teses são fortemente pragmáticas (não sei se no bom sentido, se é que há um...).

É na segunda parte do livro, quando Rosas traduz piadas e comenta alguns efeitos de sua tradução que o livro se torna francamente interessante. O capítulo 4 é dedicado a casos em que a fronteira entre fatores culturais e lingüísticos não é clara. Rosas fornece vários exemplos, entre os quais *Winter is nature's way of saying 'Up yours'*, que poderia ser traduzida por *O inverno é o modo que a natureza encontra de dizer 'no seu'*, mas que seria menos

eufêmica substituindo ‘no seu’ por ‘vá tomar no...’ e *What did the Polish mother say to her pregnant, unwed daughter?* “*Look on the bright side, maybe it ‘s not yours*’ cuja tradução mais ou menos literal seria *O que é que a polonesa disse para sua filha solteira e grávida?* “*Veja as coisas pelo lado bom; talvez o bebê não seja seu*”. Esta tradução exigiria uma nota para explicar que o polonês é a personagem de piadas americanas com papel análogo ao do português em piadas brasileiras (eventualmente, seria mais funcional na cultura brasileira simplesmente substituir *polonesa* por *portuguesa*).

Às vezes, Rosas apresenta duas traduções da mesma piada. Para “–*How does a spoiled rich girl change a light bulb? – She says, “Dady, I want a new apartment”*”, propõe “–*Como uma menina rica e mimada troca uma lâmpada? – Ela diz: “Papai, quero um apartamento novo”*”, o que dá uma boa piada, mas considera mais “recomendável”, por ser mais econômica e por manter mesmo assim o sentido literal, “–*Como é que uma patricinha troca uma lâmpada? –Pedindo a papai um apartamento novo*”.

O capítulo 5 é dedicado a casos de “coincidências lingüísticas”. Talvez por isso seja o mais breve (não havendo problemas, tudo parece menos interessante). Um exemplo é *Sex between a man and a woman can be wonderful – provided you get between the right man and the right woman*, traduzida por *Sexo entre um homem e uma mulher pode ser maravilhoso – contanto que você fique entre o homem certo e a mulher certa*, caso em que *between* e *entre* produzem claramente efeito semelhante.

No capítulo 6 estão os casos e os comentários nucleares do livro. 13 exemplos são traduzidos, em geral de várias maneiras, e os efeitos de cada solução são rapidamente analisados. Exemplos: *Did you hear about the guy that lost his left arm and leg in a car trash? He ‘s right now*, texto para o qual Rosas propõe cinco soluções: a mais “literal” perde o efeito de humor: *Soube do cara que perdeu o braço e a perna esquerdos num acidente de carro? Agora ele está bem / fora de perigo*. Uma das traduções que mantém esse efeito é *Soube do cara que perdeu o braço e a perna esquerdos num acidente de carro? Ele agora tá direitinho* (outra: *ele agora só anda às direitas*).

Outro exemplo, breve e excelente é *I wouldn ‘t be caught dead with a necrophiliac*. A tradução *Eu não seria pego morto com um necrófilo* não produz nenhum efeito de humor, mas ele ocorre, por exemplo, em *Com um necrófilo? Nem morta!* – bom exemplo de transcrição. Em *One margarita, Two margaritas, Three margaritas, Floor* a tradução literal (*Uma margarita, Duas*

margaritas, Três margaritas, Cbão) é completamente insossa, mas sua tradução “funcional” é excelente: *Uma caipirinba, Duas caipirinbas, Três caipirinbas, De quatro*.

Um excelente exemplo é *Mr. Speaker, this is a phony exemple with a capital F*, para o qual Rosas apresenta várias hipóteses, todas muito interessantes: *Sr Presidente, este projeto é uma embuste com I maiúsculo (uma impostura com E, uma charlatanice com X etc.)*.

O mais interessante dos exemplos que Rosas explora (no capítulo 6) e para o qual aventa várias soluções é *Which do you prefer: roses on your piano or tulips on your organ?* (que, em inglês, funciona basicamente explorando a homofonia de *tulips* (tulipas) e *two lips* (dois lábios) e a polissemia de *organ* (que se mantém em português), com óbvias alusões sexuais. Rosas assume que deve encontrar não uma solução literal (*tulipas no órgão* não seria uma solução funcional, pois não produziria efeitos de humor), mas uma que substitua *tulips* de preferência pelo nome de uma flor e que produza conotações sexuais semelhantes à piada original. A meu ver, são propostas interessantes *O que você prefere: bananas no seu piano ou dedos-de-dama no seu órgão? ... onze-boras no seu piano ou boas-noites no seu órgão? ... beijos-de-frade no seu piano ou beijos-de-moça no seu órgão? ... uma angélica no seu piano ou uma maria-sem-vergonha no seu órgão?*

O exemplo é excelente, a meu ver, porque sua análise permite discutir o que se ganha e o que se perde com determinada teoria da tradução. Quando se obtém uma boa solução do ponto de vista das alusões da piada, pode-se ver que ela não decorre da homofonia de duas expressões, mas da polissemia – digamos assim - do nome das flores, que podem conotar sexo, especialmente se associadas à palavra *órgão*. A meu ver, trata-se de boas soluções, certamente criativas. A pergunta é: qual o limite que a teoria pode impor, que não pode ser ultrapassado, para distinguir uma tradução criativa da substituição de uma piada por outra, que tem o mesmo efeito porque é engraçada e incide sobre o mesmo tema? Em outras palavras: se é verdade que traduzir não é transportar um sentido intocado de uma língua para outra, qual é o critério que garante que outra versão ainda é tradução?

Por/By: SÍRIO POSSENTI
(Universidade Estadual de Campinas)